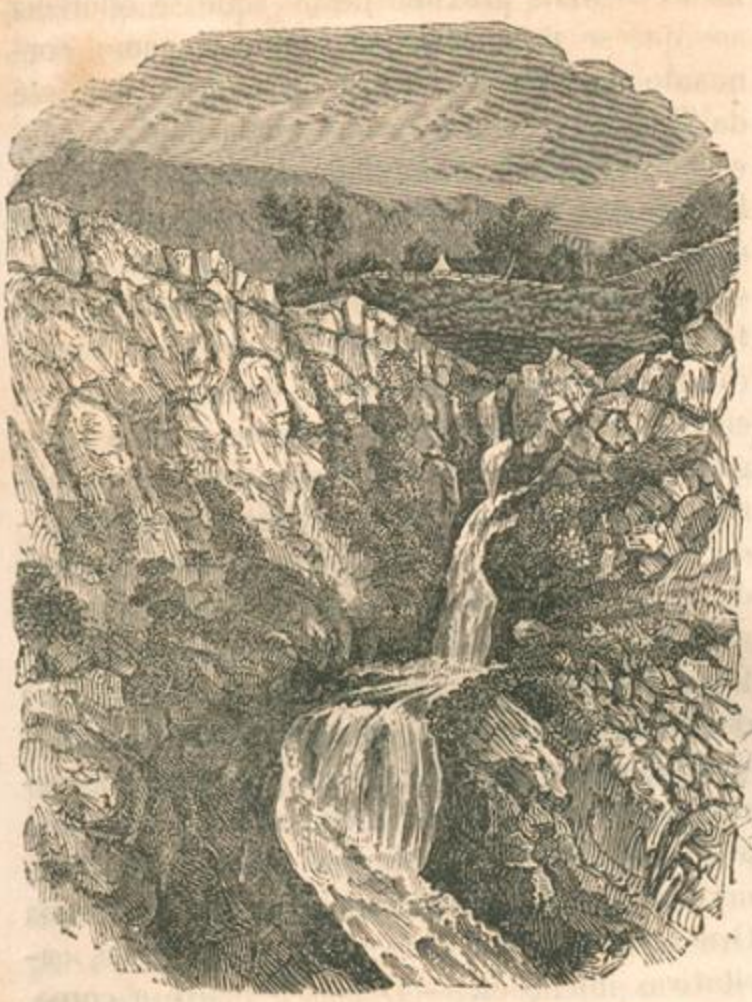

CATADUPAS NO PRINCIPADO DE GALLES.

Wales, ou Galles, de que tomam o titulo de principes os herdeiros presumptivos da corôa da Graã-Bretanha, é o paiz mais aspero, frio e montuoso da Inglaterra. A parte septentrional em que estão situadas as catadupas, ou saltos d'agua, acima representadas, contém no districto central uma cordilheira de serranias, cujos picos mais baixos não tem menos de 700 a 800 pés d'elevação sobre o nivel do mar, causa bastante para a frigidez da temperatura, e para que o chão não seja cultivavel excepto nas baixas ao longo das margens dos rios; pelo que a maioria dessas terras servem de pastagens ao gado, que nesta região é numeroso e excellente. — Galles reparte-se em 12 condados com oitocentos mil habitantes, distribuidos por 844 parochias, n'uma superficie de 7:425 milhas ingl. quadradas: contem 1:429 escholas: manda á camara dos communs 29 deputados. A linguagem *welsh*, de mui remota origem, é um dialecto particular, difficil d'entender, como por exemplo *o biscainho* na Hespanha.

A paizagem selvatica de todo o principado, mas principalmente ao norte, é celebre em Inglaterra, como a das montanhas escocezas. Os accidentes do terreno obrigam as aguas a formarem cataractas; ha muitas, mais ou menos notaveis, sendo as principaes as que indicam as gravuras neste n.º: ambas precipitam suas espumantes e ruidosas torrentes nas quebradas das erguidas serras de *Snowdonia*, parte daquelle territorio, assim denominada, e que podêmos chamar *paiz da neve*. — A catadupa, que se vê do lado esquerdo, dista do castello de Dolbadarn quasi meia milha para o sul: tem 60 pés d'altura; corre por um amplo sulco, aberto na rocha, e vindo em linha recta de subito dá uma volta e cahe obliquamente, com echo de trovão, no fundo e escuro pégo que lhe fica inferior. A outra é formada pelo rio Lugwy, que salta por cima d'um fraguedo desigual, espraiando muito e fervendo em borbotões: as altas ribanceiras do barranco, sombreadas por arvoredos graciosamente pendurados sobre a torrente, e cubertas de tapetes de musgos e flôres bravias, appresentam um aspecto que suspende os espectadores: da parte superior da matta, proxima ao topo da cataracta ou cachoeira, goza-se uma bella vista da queda das aguas; sobe-se alli por um caminho, que deriva da estrada real de Londres e Holyread, que passa naquellas visinhanças. Na muralha lateral da estrada abriu-se um postigo ou portinhola para commoda serventia dos curiosos, que desejarem encaminhar-se por aquelle trilho, evitando longos e escabrosos rodeios; e n'uma eminencia superior á cascata edificou-se uma casa de recreio, ou *de verão*, como diz o escriptor inglez, que nos serve de guia: e quanto será fresco o verão naquellas alturas, summidades da Snowdonia, o paiz da neve! Em a nossa amena Cintra, no pino do estio, os nevoeiros matutinos obrigam a con-

chegar a roupa ao corpo; julgue-se qual será a fresquidão nas serras septentrionaes do principado de Galles!

PORTUGAL.

IV.

Mosteiro de Belem. (1)

I.

Se a veneranda sé de Coimbra (2) é para toda a Europa um dos bem conservados documentos da architectura, nos primeiros seculos do engrandecimento da Igreja, — se o amplo e variado convento de Christo em Thomar (3), recorda muitos feitos dignos, praticados no orbe em differentes epochas, pela ordem independente da do Templo, — se o grandioso mosteiro da Batalha (4) é um padrão eterno levantado á independencia e valor dos portuguezes nos fins do seculo 14.°, — se o sumptuoso palacio-convento de Mafra (5) é um monumento de marmore erguido como para ostentar a riqueza e fausto do luso Salomão no principio do seculo 18.°, outro templo existe, de epocha quasi intermedia a estas duas ultimas, menos nomeado e conhecido, não obstante ser o mais proximo da capital, — estando até presentemente por assim dizer encravado nas suas casarias, — e não desmerecer ampla noticia; já pelo local em que foi situado, e gloriosas recordações, que traz á memoria a sua fundação; já pelas veneraveis preciosidades que encerra; já — e não é o menos importante — pela especialidade e valia de sua architectura. Fallâmos, bem se vê, do real mosteiro de Belem, outr'ora dos frades de S. Jeronymo, e hoje occupado, desde a suppressão das ordens religiosas neste paiz, pelos alumnos da Real Casa Pia, servindo a igreja, com a invocação de Nossa Senhora de Belem, de freguezia daquelle bairro. Descreveremos o edificio, começando pela historia da sua fundação, e depois daremos noticia da mencionada instituição, creada pela piedosissima rainha Maria I e exaltada pelos maternaes desvelos de sua augusta bisneta.

Seguindo Tejo abaixo pela margem direita, a uma legua a par da antiga Lisboa, existia um logar chamado o Rastello, fronteiro ao ancoradouro mais seguro que primeiro encontravam os navios que entravam a barra, e igualmente o mais proximo desta, que se offerecia aos que se preparavam a seguir viagem: porquanto no visinho pontal d'arêa, quasi defronte da Trafaria, findava, como ainda hoje, a porção de rio funda e entalada entre montes, que fornece tão bello abrigo: — dahi para fóra, até á propria enseada de Cascaes, os bancos, cachopos, desabrigos, e mares de vagalhão, tanto na proximidade da terra, deixam ainda agora mui cautelosos os que ás unhas da ancora confiaram a sorte do navio, que muitas vezes garra, e ao minimo descuido se expõe ao perigo. Ora, havendo, como diziamos, no referido logar tão bom ancoradouro, não deixariam de se estender ao seu aproveitamento os desvelos do principe navegador. Vendo pois o infante D. Henrique quanta utilidade resultaria da fundação de uma ermida naquella praia, que offertasse aos mareantes promptos soccorros espirituaes, resolveu executa-la, doando-a á Ordem de Christo, de que era mestre e administrador, e estabelecendo que os da mesma Ordem ahi fossem pôr em prática as suas caritativas intenções. — Depois a houve a coroa, que fez della doação aos frades de S. Jeronymo como vamos a expor, cingindo-nos nesta parte precisamente á letra dos documentos que temos á vista (6).

Elrei D. Manuel, considerando ampliar o culto divino, e vendo como o assento e *sito* de St.ª Maria de Belem, — assim por ser na praia e ácerca desta cidade como por que ao logar vinham aportar e ancorar muitas naus, navios e gente, assim de estrangeiros como de naturaes, — era apto e pertencente para nelle se fazer um mosteiro e casa honesta, em que podessem estar alguns religiosos que devotamente ministrassem e fizessem o officio e culto divino e agasalhassem «os pobres estrangeiros,» confessando-os e dando-lhes os outros sacramentos, resolveu de haver a si aquella ermida e assento de Belem, dando por escambo á Ordem de Christo uma casa maior, que fôra synagoga dos judeus, situada onde tinha sido n'outro tempo a judiaria grande, que então chamavam Villa-nova, que vem a ser o logar onde hoje está a Conceição Velha, igreja esta que se edificou logo depois, como consta de documentos confirmados ainda agora pela fachada da mesma igreja. — Diz o rei fundador que os rendimentos desta ultima casa montavam em cincoenta mil réis, o que era mais do que a Ordem obtinha de Belem. — E por ventura pela recor-

(1) A estampa acompanhará o artigo em que começar a descripção especial.

(2) No tom. 3.° pag. 305.

(3) Veja-se a descripção do Sr. J. C. N. C., começada a publicar no n.° 6.°

(4) Vid. o tom. 3.° Panorama n.° 141 e seguintes.

(5) Veja-se o tom. 4.° pag. 60 e 66.

(6) Doação da ermida de Belem aos religiosos de S. Jeronymo, e a posse que della tomaram estes por bulla do santo padre Alexandre 6.° [bem pouco santo o faz a historia] acha-se no tom. 2.° das Prov. da Hist. Geneal. pag. 255 e 257. Ahi se acham tambem alguns dos outros documentos de que nos servimos. — Póde tambem ver-se Barros [1, 4, 2].

dação que trazia este nome da pequena terra da Palestina, assim chamada, natalicia do filho de Deus, onde o mesmo S. Jeronymo vivêra e tivera o seu instituto, ou, como elrei declara, —pela devoção que elle proprio tinha ao mesmo santo [cujo provincial, frades e ermitães viviam sob a regra de S. Agostinho no hospicio da Penha Longa, que fica no sobpé meridional da serra de Cintra] houve por bem aos 22 de dezembro de 1498 de fazer doação á ordem de S. Jeronymo do referido logar de Belem com seu pomar cercado de muro e casas conjuntas, que estavam começadas a edificar, e bem assim d'uma morada, que ficava proxima do chafariz visinho, declarando fazer a mencionada doação com todas as entradas, sahidas, logradouros, aguas e pertenças com que eram possuidas pela Ordem de Christo.—Tudo com intenção de ahi fundar um mosteiro daquella Ordem, cujos religiosos seriam obrigados para todo o sempre a uma missa diaria por alma do infante D. Henrique *fundador do dito logar*, e assim pela de elrei e seus successores, com clausula expressa de que quando o sacerdote fosse ao «Lavabo» se voltasse para os fieis dizendo em voz alta: — «Rogai a Deus pela alma do infante D. Henrique, primeiro fundador desta casa, e por a de elrei D. Manuel que a doou á nossa ordem.» — Outro sim impoz a todos os religiosos o dizerem para sempre no fim de matinas e completas a oração = «*Deus qui de Beatæ Mariæ Virginis utero*, &c. = commemorando expressamente o doador ao archanjo S. Miguel e ao Doutor maximo S. Jeronymo. — O que sendo acceite pelos religiosos da ordem, lhes foi dada a posse dentro da capella do sobredito mosteiro, começado aos 21 de abril de 1500; e entre varias doações feitas ao convento não esqueceremos de mencionar a cessão da vintena do dinheiro das partes da Mina, e das mercadorias e cousas que vinham da India. Assim achamos os alvarás de 12 de novembro de 1511 mandando para as suas obras entregar a Lourenço Fernandes, cavalleiro da casa real, que naturalmente as inspeccionava, cincoenta quintaes de pimenta; de 16 de dezembro do anno seguinte recommendando o pagamento da vintena que lhe pertencia cobrar na casa da India, e de 9 de maio de 1513 ordenando que para as ditas obras se dessem da mesma casa quinhentos quintaes da mencionada especiaria, que então obtinha em Flandres subido preço: e pelo que afirma um chronista da ordem — o castelhano Siguença (7) se vê que alguns annos excedia a mesma vintena a oitenta mil cruzados, somma avultada, nos tempos em que a afluencia do ouro e prata da America na circulação não tinha ainda produzido tão pasmosa quebra no valor destes metaes. O que porem podemos com segurança afirmar é que, não obstante deixar o rei fundador encommendado no seu testamento que não se fizesse cessar esta renda em quanto o mosteiro se não concluisse de todo, e que antes pelo contrario se augmentasse sendo preciso, vemos elrei D. João 3.º, por alvará de 23 de maio de 1529, fazer ao convento a esmola de vinte e cinco moios de trigo, o que dá bem a entender que não possuia de sobejo, apesar de estar izento de pagar dizimos, conforme fôra concedido por bulla do papa Leão X de 24 de setembro de 1516.

Foi o edificio progredindo, e cada vez com maior perfeição na esculptura, pois no debuxo e mão d'obra vê-se no claustro mais primor do que no corpo da igreja. Não coube porem ao fundador o ter a satisfação de o ver findo: deixou o dormitorio apenas em começo com a recommendação de que se concluisse com o esmero correspondente. Igualmente incumbiu aos desvelos do seu successor a abobada do cruzeiro, cuja fabrica foi dada ao mestre João de Castilho, que era já o architecto de elrei D. Manuel, e devia naturalmente ter tido grande parte na direcção das obras, se é que não fôra dellas o principal engenheiro. — João de Castilho, sectario do renascimento, e depois neophyto da restauração classica, foi em Portugal o architecto ambulante. — Mandado por elrei D. Manuel a Alcobaça para arranjos do andar superior no claustro de D. Diniz, da sachristia e da casa para os livros, ahi se achava no anno de 1520: no de 1530 dirigia as obras na Batalha: no de 1540 em Mazagão: no de 1550 em Thomar [sua patria?], onde parece que era fallecido em 1560. — Foi homem que levou em decadas as principaes paragens da vida. Tambem esteve em Coimbra, pois sem duvida de seu tempo e suas são as portas excrescentes de pedra d'Ançã da sé velha. Os bustos em medalhões, os arabescos ao divino, os nichos de concha, os balaustres, os vasos, as pilastras estriadas, a par de um arremedo das renascentes ordens dorica e corinthia, como tudo ahi se vê, não podem deixar de ser obra de Castilho, — já meio convertido á seita dos restauradores. Das suas obras em Belem adiante fallaremos. Em 4 de julho de 1528 foi nomeado para o logar de mestre das obras da Batalha, vago por morte de Matheus Fernandes [filho]. Tratava-se de proseguir nos trabalhos das capellas imperfeitas destinadas ao jazigo de elrei D. Duarte, que fôra dellas principiador, e ao de seus successores D. Affonso

(7) Libro primero de la Historia de la Orden de San Geronimo por Fr. José Siguença, Madrid 1605 — pag. 88.

5.º e D. João 2.º, do principe D. Affonso e de elrei D. Manuel, antes de se decidir por Belem, o que será evidentemente demonstrado em melhor occasião, por uma verba do proprio testamento deste ultimo rei, combinada com a interpretação das divisas que nellas se acham.

Castilho não era genio que se podesse moldar nas formas existentes para concluir o que fôra já concebido e até mais de meio posto em execução. — Porem nas ultimas obras da Batalha esta sua intolerancia não lhe dá honra, e tudo quanto ahi fez ou pelo menos dirigiu deverá ser desmanchado, — quando algum dia houver neste paiz quem tenha a elevada lembrança de completar o pensamento de tantos monarchas distinctos. Levantou dois grossos pilares cylindricos e estriados, e uniu-os por um arco abatido, deixando por baixo deste uma tribuna de balaustres *renascidos* sem harmonia com o mais que lhe fica visinho. — E infelizmente para a sua memoria deixou lavrado a um canto da dita tribuna em uma cabeça de ornato o anno de = 1533 = epocha em que já alli tinham chegado as suas obras de improprio desenho começadas nos annos anteriores. — Seus foram tambem os quatro arcobotantes d'arco inteiro, encostados aos pegões da capella-mór, com impostas de capiteis corinthios. Do mesmo Castilho é sem duvida uma casa particular que fica defronte da porta do sul do convento, com duas janellas, uma por cima da porta com a simplicidade da restauração, e outra maior de dois arcos abatidos, copiosa em arabescos: sobresahindo em baixo de cada uma seu busto de meio relevo, tudo no gosto de Belem; o que não deixa de no seu tanto fortificar as justas suspeitas de que deste convento fosse elle o principal architecto. Accresce o existir um alvará de 23 de setembro de 1522, pelo qual elrei D. João 3.º manda a Pedro Lopes que pague ao dito Castilho mil cruzados por conta da empreitada com elle «novamente ajustada [diz este documento que está na Torre do Tombo] sobre o fazimento das abobadas e pilares do cruzeiro da igreja.» Este documento unico destroe de todo uma anecdota que o auctor do Anno Historico refere como passada com elrei D. Manuel: se bem que tinhamos sufficiente motivo para desconfiar da sua veracidade á vista do conto analogo com seus visos de maravilhoso, attribuido já anteriormente ao fundador da Batalha por Fr. Luiz de Sousa; asseverando que quando elrei D. João 1.º mandou descimbrar e tirar fóra as cambotas da admiravel casa do capitulo daquelle mosteiro, temendo sacrificar a gente que em tal mister empregasse no caso de desabar tudo, mandára vir para isso criminosos que em tal caso saldariam seus crimes sepultos em entulhos de madeiras, pedras e caliça.

Não foi pois elrei D. Manuel nem o architecto que se diz quem fabricou a abobada do cruzeiro de Belem, e por isso taxamos de falso o que a tal respeito conta o P.e Francisco de Santa Maria, facto que de certo não fôra de importancia tão mesquinha, para que por esquecimento deixasse de ser relatado por varios chronistas antigos, — coevos alguns. Siguença até diz que elrei D. João 3.º foi quem cerrou o cruzeiro. Nem faça duvida no citado alvará o adverbio *novamente*, o qual parecendo como indicar *de novo*, poderia a alguem dar a entender que já antes houvera outra construcção, que por ter cahido se precisava fazer de novo. Quem assim discorrer por certo que não estará familiarisado com o verdadeiro sentido que em quasi todos os escriptos daquella epocha se liga ao adverbio *novamente*, que significa *de novo*, sim, mas em referencia, não a um tempo passado, vago e indefinido, porem ao tempo em que se está, e quer como dizer modernamente, de mui pouco tempo a esta parte. Tão pouco nos achâmos dispostos a accreditar outro ponto de tradição, de que o verdadeiro architecto da obra chegando aos saimeis desapparecêra sem fechar a abobada; e appresentando-se dahi a tempos disfarçado, foram acceites suas offertas para a fazer, como praticou; dando-se logo depois a conhecer, e desculpando-se de que usára de tal estratagema receoso de perder a sua reputação adquirida, no caso que a abobada não ficasse firme. Esta é a mesma tradição que se conta do convento de S. Francisco em Evora [quasi da mesma epocha], com a differença de se explicar neste ultimo que o architecto esteve ausente por sete annos, que foi o tempo que julgou necessario para assentarem bem os pés direitos e pilares de uma abobada tão magestosa: e tanto basta para a tal respeito nos fazer um pouco incredulos.

Não encontrámos até agora rasão plausivel que nos faça persuadir ter sido um tal João Potassi, italiano, o primeiro architecto que deu a traça do edificio, nem achamos memoria legitimada que nos leve a crer que tal nome se deva associar ao mosteiro de Belem. Não queremos com isto combater opiniões contrarias á nossa: o espirito regeita ás vezes por falta de convicção; e sem bastantes argumentos não deve exigir dos outros em sentido opposto isso mesmo que repugna. — Nós unicamente encontrámos o nome de João de Castilho: e apenas em maio de 1534 apparece o de Gaspar Dias, a quem elrei manda pagar despezas: pode po-

rem crer-se que estas fossem só relativas a objectos de pintura, em que este artista viajante era mais insigne: e do seu pincel são com certeza alguns quadros existentes, entrando neste numero o que está no primeiro patamar da moderna escada principal do convento.

A verdade é que o todo do edificio, tanto no exterior como no interior, se não appresenta, logo á primeira intuição, um plano concertado e religiosamente seguido, este apparecerá a quem contemplar o assumpto muito d'alto, depois de o ter sufficientemente estudado e meditado. Chegar-se-ha a descortinar certas harmonias, que geralmente apenas a custo transluzem em toda a architectura anarchica da epocha chamada do renascimento, principalmente quando se acha, como aqui, deturpada por tantos inchaços e intumescencias, por tantos emplastos e cataplasmas de nova especie.

PORTUGAL.

Memoria ácerca do convento de Christo em Thomar.

2.°

Prosperos e brilhantes continuavam os negocios da Ordem até ao anno 1190: porem no decurso deste uma furiosa borrasca veio perturbar tanta ventura. O Miramolim de Marrocos Abu-Jussof havia fallecido em Algeziras das feridas e desgosto da derrota de Santarem em 1184, e deixando o throno e o califado do occidente a seu filho Jacub lhe legou particularmente o encargo de vingá-lo e aos seus das injurias e malfeitorias dos christãos. Com effeito no anno 1190, reinando já em Portugal elrei D. Sancho, veio em pessoa o orgulhoso e irritado Califa, acompanhado d'innumeravel exercito, que as memorias do tempo elevam a um numero quasi prodigioso, e atravessando a Beira assentou seu campo em volta do castello de Thomar, estendendo-se pelas povoações visinhas, e por outras como Torres-Novas, que nessa occasião foi assolada. Achando os Freires do Templo determinados a defender-se, ordenou aos seus assaltassem o castello, que por 6 dias successivos foi combatido com a furia e tenacidade, que é de suppôr de musulmanos, que accommettiam á vista do que diziam chefe dos crentes, irritados da pequenez do recinto accommettido, e do numero de seus defensores. Repelidos sempre pelos templarios vingavam-se os mouros na povoação da villa em que não deixaram pedra sobre pedra; mas desenganados por fim levantaram seus arraiaes e deram volta para as suas terras. Este grande successo com o livramento prodigioso dos cercados consta do letreiro, que ainda hoje dura insculpido n'uma lapide do castello, em que se lê o seguinte traduzido do latim barbaro daquelle tempo: = Na era 1228 [anno de Christo 1190] aos 3 dias das nonas de julho veio a Miramolim de Marrocos com 400$ homens de cavallo, e 500$ de pé combater este castello, e o teve cercado seis dias, destruindo tudo quanto se achava fóra de seus muros. E foi Deus servido livrar ao mestre D. Gualdim e aos demais Freires das mãos de seus inimigos. O mesmo rei de Marrocos foi obrigado a retirar-se e a voltar para a sua patria com innumeravel perda em homens e cavallos. = A tradição porem suppre a succinta noticia do letreiro dizendo que nessa occasião do sitio houvera um conflicto tão acceso junto a uma porta do castello, que se ficou chamando *porta do sangue* pelo muito que ahi derramaram os mouros. Nós procurámos com grande curiosidade esta porta, que será custosa de descubrir sem um guia e pratico do local; e tivemos a fortuna de a contemplar por entre uma emmaranhada balsa de silvas e arbustos silvestres que a occultam. Existe ella na extremidade d'um caminho cuberto, que antigamente sahia para o lado do nascente, fronteiro á villa. A dita porta era postigo ou porta falsa destinada a fazerem-se por ella sortidas contra o inimigo: pareceu-nos que desde muitos annos foi tapada de pedra e cal formando hoje parte do muro: porem pela parte interior se contempla ainda muito distinctamente o caminho cuberto, e o ambito da porta encaixada na raiz da muralha, e o arco da abobeda de cantaria em que no centro se vê entalhada a cruz da Ordem do Templo. De crer é por tanto á vista do mau resultado da empreza para os mouros, e do azado da dita porta, que em quanto os inimigos dos christãos atacavam o castello pelos outros pontos mais accessiveis, sahiriam estes em sortida forte pelo dito caminho cuberto e seu postigo, e fariam grande estrago em seus contrarios ou desprevenidos, ou desfavorecidos no ingreme da encosta. É certo que a interpreza do castello de Thomar se tornou funesta aos mouros, porque a chronica gothica concorda em substancia com o letreiro acima, e a historia arabe, supposto occulte segundo o costume dos musulmanos o que lhes é desairoso, aponta comtudo a jornada do Miramolim até aos campos de Santarem, e a sua volta a Marrocos sem ganhar praça, ou castello em Portugal, e apenas rico de despojos e com 13$ *captivos entre mulheres e crianças:* ostentação digna dos sequazes de Mahomet! [3] Desde então nunca

(3) Hist. dos Sober. mahometanos, traduzida pelo P.e Moura cap. 48.

mais o districto de Thomar foi assoberbado por invasões musulmanas; e os templarios para acharem inimigos da cruz que combatessem lhes era forçoso passar as raias de seus dominios e tomar parte nas guerras e expedições da Andaluzia e do Algarve, até mesmo ajudando os reis visinhos da Peninsula, como succedeu na tomada de Sevilha, e na batalha das Navas de Tolosa. Os reis e os principes portuguezes tractaram sempre a Ordem do Templo com grande veneração e consideração, e não só em vida lhe fizeram mercês e donativos, mas até nas ultimas disposições testamentárias se lembravam ordinariamente delles com especial deferencia, como se pode ver do contexto dos que se acham nas provas da Hist. Geneal. do P.e Souza: chegando elrei D. Affonso 2.º a precaver que na minoridade possivel de successor á corôa fossem os templarios os guardas, depositarios, e defensores do reino para lho entregarem depois.

Assim progrediu e engrossou a Ordem do Templo nos 6 primeiros reinados, quando em tempos d'elrei D. Diniz sobreveio a catastrophe da sua extincção no concilio de Vienna no Delphinado no anno 1311, havendo durado quasi 214 annos depois da sua instituição. Não é do nosso assumpto moralisar sobre a justiça e conveniencia deste estrondoso acontecimento, que ainda hoje tem como em suspensão todos os homens pensadores: é certo com tudo que os templarios de Portugal foram achados sem culpa (4), e elrei D. Diniz, o homem do seu tempo talvez mais capaz de conhecer e venerar a justiça, sujeitando-se como todos os demais principes christãos á medida geral do concilio, fez valer por meio de seus embaixadores ao papa esta circumstancia, e respeitar como soberano os direitos da coroa portugueza para não deixar dispor dos bens e casas da Ordem, como succedeu n'outras potencias. Suspendido assim até certo ponto o golpe transcendente da extincção total da Ordem, o mesmo soberano negociou do papa João 22.º, successor de Clemente 5.º, a creação d'uma nova Ordem com a mesma natureza, com identico destino, com os mesmos dominios, privilegios, e isenções, e até com o mesmo habito dos antigos cavalleiros do Templo, e com o mesmo distinctivo da cruz, um pouco mais ornada do que a antecedente na extremidade das hasteas: milicia igualmente religiosa e generosa, destinada a combater infieis e a defender o reino das invasões mahometanas; sujeita ao chefe da igreja na parte religiosa, e obedecendo aos reis portuguezes como cidadãos e como cavalleiros, o que foi desde o começo clausula e condição fundamental da sua admissão e estabelecimento (5). Expediu em fim o papa João 22.º, estando em Avinhão, a bulla da creação e fundação da nova milicia da Ordem de Nosso Senhor Jesus Christo em 14 de março de 1319, a qual foi acceita por elrei D. Diniz, estando em Santarem, aos 5 de maio do mesmo anno. E para não ficar duvida alguma de que esta nova Ordem era como uma substituição e transformação de outra Ordem de cavallaria, destinada aos mesmos fins, lhe nomeou logo Mestre D. Gil Martins, que antes o era de S. Bento d'Aviz, por cuja regra e estatutos se ficou governando a Ordem de Christo, em quanto não teve Diffinições e estatutos proprios.

Do castello e convento de Thomar pertencentes já á Ordem de Christo.

—Entre as demais causas [diz o papa João 22.º na citada bulla] e rasões que nos foram expostas por parte do mesmo rei D. Diniz por seus procuradores o nobre varão João Lourenço, cavalleiro de Monsarás, e o muito venerável padre Pedro Peres, conego de Coimbra, foram as graves injurias e innumeraveis damnos, e outros differentes e enormes males que lhe tinham feito e não cessavam de fazer os sarracenos, inimigos perpetuos da fé, assim nos annos passados como até agora: e porque no Algarve, que é fronteira dos ditos inimigos, e na praça de Castro Marim e seu fortissimo castello, se havia de estabelecer uma nova milicia de lidadores de Christo, com ajuda dos quaes e seu proposito se poderia dar remedio d'ora ávante ás injurias, damnos e males em que a fera mão do inimigo se tem empregado ha muito tempo, e descobrir-se caminho mais facil, não sómente para resistir aos rebates dos inimigos, mas ainda para quebrantar e rebater o impeto e accommettimentos dos mesmos, e para recuperar outras partes interme-

(4) Nós temo-nos dado ao trabalho d'examinar a fundo esta celebre causa, e temos conhecido que no seu apreciamento, como acontece em outros muitos graves acontecimentos, o juizo historico é ou tem sido leviano ou exaggerado. De todos os auctores o que nos pareceu mais imparcial é Mr. de S.t Victor na sua excellente obra, Tableau hist. et pittoresque de Paris, o qual assim se exprime: — Ceux [les templiers] qui habitaient le Portugal, étant depuis long-temps sans communication directe avec l'Ordre, et même jusqu'à un certain point hors de sa dependance fûrent reconnus entierement étrangers à tous ces desordres. — Tom. 3.º da citada obra.

(5) Na grande doação feita aos templarios em Lafões por elrei D. Affonso Henriques em 1169, quando encarregava a Ordem da guerra do Alemtejo, se lê: = facio escripturam donationis de omnia tertia parte quam per Dei gratiam populare potuero a flumine Tago et ultra, tali conditione, ut expendatis in servitio meo et filii mei, et totius progenie mea usque guerra sarracenorum duraverit. = Esta mesma resalva dos direitos do soberano, e das obrigações dos Freires e cavalleiros como vassallos da coroa, se encontra n'outros muitos documentos coevos.

dias que estavam occupadas desde muito tempo por suas enganosas ciladas. Nós, tendo entendidas diligentemente as ditas causas e rasões, e discorrendo nellas com attenta consideração por amor da segurança e amparo dos fieis, e por muitos bens que com o favor de Deus dahi se haviam de seguir, dispozemos de acolher favoravelmente o louvavel intento que nesta parte tinha elrei. =

Attentem reflectidamente os leitores n'algumas das phrases deste rescripto, e notem ahi apontados os prognosticos dos altos e venturosos destinos da nova milicia de Christo. Ahi se não continham sómente as tarefas, aliás relevantes, de repellir as incursões barbarescas, e guardar a fronteira de seus ataques e devastações, mas tambem se antevia a possibilidade de recuperar outras partes occupadas desde longo tempo *pelas ciladas* de Mahomet e seus sectarios, e se punha já a mira em *outros bens* e contingencias felizes que dahi se haviam de seguir. Admiravel vaticinio, que, em menos d'um seculo, se principiou a verificar na tomada de Ceuta, e em pouco mais desse espaço se executou á lettra nos descobrimentos, navegações, e conquistas do nobre Mestre da dita milicia, o infante D. Henrique, e nas demais que se seguiram até o estabelecimento do imperio portuguez no Oriente.

Conforme os votos do soberano portuguez, e os motivos da creação da Ordem de Christo, se estabeleceu no começo a séde e cabeça della na praça e castello de Castro Marim, onde é de suppor que residira o primeiro Mestre della, D. Gil Martins, com a flor dos cavalleiros aptos para a guerra. No governo deste e de seus successores D. João Lourenço, D. Martim Gonçalves Leitão, D. Estevão Gonçalves, e D. Rodrigo Annes é provavel que não houvesse alteração nesta disposição, e que o castello e convento de Christo estivesse regido por um Commendador-mór, que era o primeiro em graduação de toda a Ordem depois do Mestre. Em tempos porem d'elrei D. Pedro 1.°, ou fosse que o enfraquecimento dos mouros na Peninsula, limitados ao reino de Granada, e as excursões maritimas dos de Barberia fossem já menos temiveis, ou em fim por outras causas que ignorâmos, voltou a residir em Thomar no anno de 1356 o Mestre da Ordem D. Nuno Rodrigues, pessoa de grande consideração e valimento para com o mesmo soberano; e dahi em diante até os nossos dias ficou sendo constantemente a mesma casa de Thomar cabeça e baliado de toda a Ordem de Christo.

Succedeu a D. Nuno Rodrigues D. Lopo Dias de Sousa, sobrinho da rainha D. Leonor, em tempos d'elrei D. Fernando, o qual governou a Ordem por espaço de 46 annos. No convento e castello de Thomar se achava elle quando ahi passou o infante D. João com a tenção sinistra de matar-lhe a mãi em Coimbra, e d'ahi lhe expediu inutilmente aviso o dito Mestre, como contam nossos chronistas. Ahi mesmo residia, quando de volta d'Abrantes descia para a jornada d'Aljubarrota o condestavel, e logo depois elrei D. João 1.°: e com quanto a obscuridade da epocha, e os interesses e embates dos partidos o contivessem então n'uma especie d'observação e neutralidade armada, é certo que debatidos, declarados e definidos os direitos nacionaes que puzeram a coroa na cabeça do illustre Mestre d'Aviz, o mesmo D. Lopo não sómente se decidiu com toda a Ordem de Christo a favor da nova dynastia, apesar de ser elle mesmo ramo da antecedente, ligado por interesses de familia á rainha de Castella, mas ajudou grandemente a restauração do reino pondo-se em campo, combatendo o partido castelhano até ficar prisioneiro na infeliz tentativa de Torres-Novas.

(Continuar-se-ha.)

Caçador contra caçador. — Parece que o rifão: = quem te quer mal é o official do teu officio = se verificou nos seguintes casos, que extrahimos de um livro raro. — « A mim me aconteceu, sendo moço, andando á caça do açor, largando-o a uma perdiz, cahir a elle uma aguia, a qual devia estar tão mettida no alto que a não viu o meu açor, porque se a vira não voára traz a sua perdiz, nem eu tambem a enxerguei, e largando o açor ouvi no céu por cima de mim um soído como de foguete, que me constrangeu a levantar os olhos; vi um vulto a meu ar (não sabendo o que fosse) affirmo que tive pavor, mas logo conheci ser aguia que vinha cahindo ao meu passaro, o qual de medo deixou a perdiz e se metteu em uma arvore, sendo de mim com muita pressa soccorrido, correndo a cavallo, gritando, levantando a voz, dando com o chapéu acenos. Muitas vezes acontece andarem ellas todo um dia á vista dos caçadores para cahirem ás aves que elles levantam, e deste modo se cevam cahindo do alto. Mas ás vezes acontece trocarem-se as sortes, a uma aconteceu, andando á caça de coelho D. Luiz de Moura e D. Rolim e outros companheiros, em uma queimada em Riba-Tejo, dos furões que levavam se sahiu fóra da barça um sem sentir, e ficando longe dos amos pela terra e queimada, foi visto de uma aguia, a qual desceu a elle e o tomou com as mãos, e como as unhas e mãos das aguias sejam muito grandes, e o bicho muito

delgado, ficou na chave da mão livre das unhas agudas da aguia, a qual querendo-se cevar nelle abaixando a cabeça, o furão apegou, com a boca e dentes, das goelas e garganta da ave, e a matou á vista dos caçadores, que até então não tinham achado o furão menos, o qual levaram livre, e a aguia morta. Tudo se póde cuidar deste bicho [o furão] pelo animo atrevido que tem, e boa sorte que este teve em caso tão arriscado. » — *Arte da caça da altaneria*, 2.ª *part. cap.* 18.º

Agricultura.

Sobre a especie d'uva, denominada « Tinta de França. »

Damos noticia aos nossos leitores — particularmente proprietarios de vinhas, a quem com especialidade ella interessa, — de uma especie de videira, cuja primazia sobre outras ha poucos annos se tem reconhecido. Limitar-nos-hemos a denunciar-lha, certos de que procurarão com avidez e sollicitude, na *experiencia* do seu cultivo, um testemunho irrefragavel da bondade da planta, já colhendo a sua producção em separado, já empregando-a como tempêro em os nossos vinhos, geralmente adulterados pela mania imperdoavel de usarem neste genero da nossa cultura — porventura a mais rica e importante — de cêpas que, produzindo abundantemente, são ao mesmo tempo aguacentas, ou faltas de tinta, ou de sabor rispido, ou de tal qualidade, que muito os tem desacreditado nos mercados estrangeiros. —

É esta planta a — Tinta de França (*) —, singularissima pelo precioso vinho que produz, de côr em extremo *rubra-preta*, e de uma tinta brilhante e delicada, e sôbre tudo de um arôma tão grato, e de um sabor tão lisongeiro ao paladar, e tão especial, que não duvidâmos ennobrecê-lo com o titulo de — licôr — porque na verdade com mais justiça se deve considerar nesta classe do que na de vinho.

Um curioso agronomo portuguez, o Sr. J. Moraes M. Feijó, da Merciana, comarca d'Alemquer, foi o primeiro que prestou o devido apreço a esta producção, e recommendando-a ao bem conhecido proprietario e exportador de vinhos seu visinho, o Sr. F. A. da Fonseca, do Sanguinhal, demonstrou a primazia deste sobre todos os outros vinhos. — O Sr. Fonseca não hesitou em abraçar esta cultura, e tem procurado vulgarisa-la por diversas partes do reino, donde os seus amigos lhe teem solicitado algumas vides para a emprehender. — Neste empenho cremos nós que o Sr. Fonseca tem prestado um relevante serviço ao seu paiz, e confiâmos que os nossos compatriotas, preferindo rasoavelmente os bacellos desta casta de videira, tomarão parte com elle em tão interessante empreza, diffundindo por todos os meios ao seu alcance esta plantação, que apenas vingada e seguida melhorará essencialmente a qualidade dos nossos vinhos, um dos grandes mananciaes da riqueza nacional, em que se fundam muitas esperanças da prosperidade agricola-commercial do nosso paiz.

Approveitâmos a occasião de desafiar a attenção dos nossos agricultores sobre a cultura dos vinhos e sua feitoria, e pedimos-lhes mui encarecidamente que desenvolvam maior esmero, já na escolha das videiras, que devem preferir mettendo as bacelladas, já na selecção e separação da uva quando destinada ao lagar. — Lembramos-lhes que por interesse proprio o devem fazer, porque a absterem-se deste escrupuloso cuidado terão o desgosto de não poderem continuar nesta cultura, em consequencia de lhes sahir prejudicial, por causa do baixo e disparatado valor deste genero, que sendo de qualidade inferior não poderá competir nos mercados estranhos com os outros vinhos que alli concorrem. — Esta recommendação, que fazemos com a maior effusão de sinceridade e amor patrio, é particularmente dirigida aos cultores de vinhos proprios, e adequados para exportação, sem todavia excluirmos os que os fabricam para consumo do reino, ou para serem distillados e convertidos em aguardente para preparo dos primeiros; porque a estes mesmos pedimos igual desvelo; e que approveitem qualquer bocado de terreno, que pela sua natureza e posição seja appropriado para a plantação de vinhas, e deixem os terrenos baixos e fortes para o cultivo dos cereaes, de que nesse caso tirarão melhor resultado.

(*) Não nos consta que esta videira esteja generalisada no Douro, nem tão pouco na Madeira — não obstante acharmo-la mencionada no *Tratado d'agricultura das vinhas* pelo Ex.mo Sr. Girão, e na *Topographie de tous les vignobles connus* por Mr. Jullien. — O primeiro a refere na sua lista das videiras tintas do Douro, segundo os nomes vulgares por que alli são conhecidas: o segundo na lista das videiras cultivadas na ilha da Madeira. — Na obra intitulada o Vinhateiro, que começou a publicar-se em Paris em 1832 tambem o seu auctor [que julgamos ser o nosso socio, o Sr. F. I. P. Rubião, da cidade do Porto] a não esqueceu. — Ignoramos porem se a — Tinta de França — de que fallam os auctores acima, é a mesma que recommendamos neste artigo.

A civilidade é uma convenção tacita entre os homens de se enganarem reciprocamente com affectada gentileza e benevolencia.

Somos muito generosos em offerecer por civilidade o que bem sabemos que por civilidade se não hade acceitar.